

# NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO

Redacção e Administração: R. da República, 56 A—1.º e 2.º Andares—Telef. 34.

Composição e Impressão: Tipografia Minerva Vimaranesa—Rua de Santo António, 133.

Director, editor e proprietário—ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

COMISSÃO DE CENSURA  
VISADO PELA

## Para que todos saibam Onde nasceu Gil Vicente

Recebemos a seguinte carta com o pedido de publicação: ... Sr. Director do «Notícias de Guimarães»:

Acabo de receber o número 426, de 7 de Abril, do seu conceituado jornal, certamente remetido por alguém com interesse em fazer-me conhecer uma carta referente às minhas afirmações feitas numa pequena alocução, a propósito e como introdução a uma festa Vicentina que teve lugar no Teatro Rivoli, na cidade do Porto.

Nessa carta se diz: «Mas o espectáculo, que marcou pelo seu ambiente aristocrático, deu-o no seu discurso-prólogo o Dr. Aurélio Proença». E mais adiante: «A alturas tantas, porém, sua ex.ª afirmou não se saber onde nascera e morreria o insigne criador do Teatro Nacional». ... «Não se sabe onde nasceu Gil Vicente! Mas a culpa dessa «ignorância» tem-na, em grande parte, Guimarães...»

E segue-se uma série de considerações que interessam à cidade, como censura por não ter ainda feito a consagração, em condigno monumento, da figura excelsa de Gil Vicente.

O bairrismo do signatário da carta fica-lhe muito bem, mas não o autoriza a chamar ignorantes aos que, não sendo de Guimarães, não podem chegar-se pela sua paixão. Eu não dei o «espectáculo» afirmando uma verdade que não sofre discussão. Não se sabe ainda, de certeza, em que terra nasceu Gil Vicente.

Quem mostra ignorar tudo o que há escrito sobre Gil Vicente e a sua obra é o autor da carta referida.

Recomendo-lhe que leia Fideleiro de Figueiredo a pág. 67 da História da Literatura Clássica (nota 2.ª), onde se escreve: «também se não sabe a sua naturalidade; das suas obras apenas se conclue que muito bem conhecia e presava a província da Beira, como primeiramente notou Aubrey Bell».

Recomendo-lhe ainda a leitura do prefácio ao «Auto da Alma», escrito pelo Professor Dr. Augusto C. Pires de Lima, em que, num estudo crítico magistral, chega à conclusão de que se nasceu em Guimarães, de lá deve ter saído muito cedo, porque no seu espírito nada ficou gravado que indique ser a linda cidade minhota que lhe deu berço.

Recomendo-lhe um livro de publicação recentíssima—*História da Literatura Portuguesa*—do Dr. Joaquim Ferreira, trabalho magnífico de condensação, em que a páginas 237 se põem em relevo as mesmas dúvidas e incertezas acerca do lugar do nascimento do Plauto Português na designação dada por André de Rezende.

Não perderia o seu tempo se se desse ao incómodo de ler «As Notas Vicentinas», preliminares de uma edição crítica das obras de Gil Vicente, da grande investigadora Carolina Michaelis de Vasconcelos, (são raras estas quatro separatas mas existem na nossa biblioteca); se lesse «Gil Vicente»—*Ementas Históricas*—de Jacinto Inácio de Brito Rebê-

lo—Lisboa-1902; se estudasse as Novas Notas sobre Gil Vicente, poeta e ourives, de Anselmo Braancamp Freire—Imprensa da Universidade—Coimbra-1914; se travasse conhecimento com os trabalhos de Aubrey Bell—*Gil Vicente—Coimbra-1915* e *Studies on Portuguese Literature—Oxford-1914*—e *Portuguese Literature—Oxford-1921*—e ainda com o trabalho exaustivo de Queiroz Veloso na Grande «História da Literatura Portuguesa».

Se o seu tempo livre lhe permitisse dissipar a ignorância revelada tam pouco a propósito, não faria a injúria de chamar ignorantes àqueles que, tendo a preocupação da verdade, afirmam não saber ao certo onde nasceu e quando nasceu Gil Vicente...

E' possível que o Sr. Arminido Peixoto tenha feito a descoberta, mas nesse caso não deve perder tempo em comunicá-la imediatamente a todos, para resolver definitivamente um problema de história literária que tantos têm, sem êxito, tentado esclarecer.

Quanto ao monumento, talvez o ilustre autor da carta ignore que a estátua de Gil Vicente, da autoria do escultor Francisco de Assis Rodrigues, encima com galhardia, sorrindo da ignorância, o frontão do Teatro D. Maria II—ex-Teatro Nacional Almeida Garret.

Quanto a motivos de orgulho não faltam a Guimarães.

Chega-lhe ser berço da Monarquia e de tantos varões ilustres nas armas, nas letras e na religião, que para os relacionar gasta o P.º Carvalho da Costa, na sua «Coreografia Portuguesa», várias páginas. Gil Vicente é tam grande que pode bem considerar-se, em vez de filho de Guimarães, Barcelos, Guimarães de Mangualde, ou Lisboa, tantos são os lugares de nascimento que lhe atribuem, tam somente filho de Portugal.

E como conclusão, resta-me citar o ditado português:

«Quem entende o que fala, não fala no que não entende».

(De Pedro Chaves—«Rifoneiro Português», pág. 225).

De V. ...

Atento e Venerador

Aurélio Proença.

Engenheiro JOSÉ DE BARROS

Do sr. Engenheiro José Manuel Vieira de Barros, de Estremoz, recebemos uma amável carta em que sua ex.ª nos agradece as referências que neste Jornal, de 7 do corrente, lhe foram feitas pelo nosso ilustre e prezado colaborador Zé da Aldeia, relativamente àquilo que aquele senhor escreveu no Jornal «Brados do Alentejo» sobre as impressões com que ficou após uma visita que fez, há tempos, à Casa dos Pobres desta cidade. O sr. Engenheiro José de Barros nada tinha a agradecer, visto que sua ex.ª foi quem se tornou digno do agradecimento dos Vimaraneses por tudo quanto disse acerca da citada Casa dos Pobres e o que é um documento honroso para esta terra. Portanto, somos nós quem—em nosso nome e no do povo Vimaranesa—agradece o hino de louvor que sua ex.ª teceu à Instituição em referência, aonde foi levado pelo braço amigo do sr. António Casaca, digno Agente do Banco de Portugal nesta cidade, para quem vão, igualmente, os nossos agradecimentos.

## Caso consumado Farpas

Em vésperas das comemorações

Como havia sido anunciado em segundo aviso de convocação, realizou-se, em 14 do corrente, a Assembleia Geral da Corporação dos Bombeiros Voluntários desta cidade, a fim de serem eleitos o 1.º e 2.º Comandantes e a Direcção e, ainda, a fim de serem apreciadas as contas das gerências anteriores. Consumou-se, assim, uma aspiração de todas as pessoas que se interessam pelo prestígio e pela prosperidade da mencionada Colectividade, que é, sem dúvida, uma das que muito honram Guimarães. Segundo nos informaram, todos os trabalhos da Assembleia correram com ordem e elevação, facto que muito nos apraz registar, porque é exactamente dessa forma que as pessoas educadas costumam proceder. Apesar de tudo quanto se passou anteriormente à Assembleia em questão, houve, de lado a lado, a necessária prudência para não transformarem aquela sessão em *lavandouro* de roupa suja. Pelo contrário, souberam estabelecer uma solução que, sem criar incidentes e, portanto, quaisquer contrariedades, não é desprimorosa para a Corporação.

A Comissão que foi nomeada para verificação de contas é constituída por pessoas de reconhecida idoneidade e, em face disso, incapazes de usarem da mais ligeira parcialidade, quer para um lado, quer para outro.

Sobre a nova Direcção, os nomes das pessoas que a constituem são segura garantia do bom resultado da sua acção em prol do engrandecimento de tam útil Colectividade e isto sem desprimor para os membros da Direcção cessante, a cujas qualidades de honestidade sempre fizemos justiça.

Quanto a Comando, os srs. José de Pina e António Lima, respectivamente 1.º e 2.º Comandantes, são o melhor testemunho da esperança que todos os Vimaraneses devem ter num futuro de cada vez mais risonho para a Benemérita Corporação dos Bombeiros Voluntários de Guimarães. A tal respeito, já há um passado a garantir o que acabamos de dizer. E porque tudo correu bem, felicitações a todos.

S. João das Caldas, 17 de Abril do Ano Auroco. X. X.

Aproxima-se o dia designado para o início das comemorações centenárias, que muito justamente se dá na terra onde primeiro se desfaleceu a bandeira da Independência.

Vai, por toda a cidade, uma grande azáfama de preparativos e de embelezamentos de que Guimarães bem precisava.

Estava quasi tudo por fazer, pois a nossa terra não tinha sido bafejada pela sorte que tinha cabido a outras terras bem mais felizes. E tudo ficou quasi que para a última hora, como se tudo estivesse condicionado a um acaso que, de um momento para o outro, fizesse cair por terra o que se havia planeado.

De facto, a guerra veio criar pessimismos que encontravam alguma justificação e que o desenrolar dos acontecimentos, nestes últimos dias, mais fizeram avultar.

No entanto, contra todos esses pessimismos, ergue-se a confiança de uma Raça que sempre soube vencer, heróica e destemidamente, momentos graves da sua História.

Por isso os trabalhos continuam num ritmo acelerado para que tudo ou quasi tudo esteja concluído no dia próprio.

As obras à volta do Castelo prosseguem e o Paço Ducal já tem um novo aspecto de grandeza que as ruínas em que se encontrava ofuscavam.

Porém, o pedestal para o trabalho maravilhoso de Soares dos Reis, não nos parece muito próprio para receber a estátua do nosso primeiro Rei. Visto do Carmo dá a impressão de um *canudo* deselegante, impróprio da estátua e do local.

O tempo urge e não é, por isso, propício à reparação de defeitos. Muita coisa terá de ser corrigida e muito há ainda, quer no Largo do Carmo quer à volta do Castelo e do Paço, para se realizar já depois das comemorações centenárias. Mas não queremos deixar de fazer aqui este pequeno reparo que desejamos muito sinceramente o futuro se encarregue de tornar inconsistente.

S. João das Caldas, 17 de Abril do Ano Auroco. X. X.

## Quere vestir bem?

Telefone para o 177

Alfaiataria  
**RIBEIRO, FILHO**  
—Largo Conselheiro João Franco.

va Venerando Presidente da República pela homenagem do 12.º ano da Investidura alto cargo de Chefe dos Portugueses.

Delegado concelhio *Moreira Guimarães*.

«Dirigentes e filiações da Mocidade Portuguesa Ala Guimarães saúdam respeitosamente Vossa Excelência aniversário da investidura Presidência da República.

Sub-delegado regional (a) *Feliciano Ramos*.

Também telegrafaram saudando o senhor General Carmona, os srs.: Presidente da Câmara, Delegado Especial do Governo e outras entidades vimaranenses.

## POETAS VIMARANENSES

### Soneto da miséria

Três perguntas ouvi dum avarento  
Ao vêr-me soçorrer um desgraçado:  
—Que bem é que te fez esse nojento  
Homem de rosto magro, escaveirado?

Porque lhe das o pão, o teu sustento,  
Se é um pária pelo mundo desprezado?  
Pois não te causa horror um lazarento,  
Um pedinte de estrada, esfarrapado?—

Horror só me causaram as perguntas  
Feitas com avidez, e tôdas juntas,  
Por esse homem sem alma e coração...

Olhei-o com repulsa, impiedoso,  
E disse-lhe bem alto e desdenhoso:  
—O homem que ali vai é nosso irmão...

Abril de 1940.

Delfim de Guimarães.

## Horas bárbaras

XXIV

As fundamentadas acusações, de que Rafael se constituía denodado porta-voz, tiveram, como reacção, a delimitação dos poderes jurisdicionais eclesiásticos, ficando aos Bispos ainda, porém, reservados latos poderes de defesa da religião do Estado, de que se usou e abusou o mais latamente possível. No final dessa Dieta, a paz e a harmonia pareciam, finalmente, estabelecidas entre o Rei e os nobres: mas, na verdade, estes não lhe haviam perdoado o casamento com Radziwill. E logo que ela faleceu, ao realizar-se, em 1553, a dieta de Lublin, fizeram-lhe saber que nunca haviam tido o afrontoso matrimónio—afrontoso para a sua jactância desmedida e impertinente—como facto consumado, e muito menos se deveria inferir que renunciassesem seu direito de escolher em esposa do Rei. Eram horas de terminar sua viuvez e assim lhe propunham como mulher Catarina da Austria, viúva do Duque de Mantua. *Segismundo* viu-se politicamente coagido a aceitar, para, breve, reclamar o divórcio, que não pôde obter, mas se considerou livre para dispôr de sua vida amorosa.

O Csar de Moscúvia ameaçara a Livónia: Os Cavaleiros da Ordem da Livónia, que, de há séculos, estavam unidos aos Cavaleiros da Ordem Teutónica, haviam-se separado quando o Gran-Mestre Alberto abraçara o luteranismo. Pediram auxílio a Gustavo, Rei da Suécia, mas este logo fechou tratado de paz com os moscovitas. Pouco duradoira, com efeito, porque outra ameaça mais séria aparecia, agora: a do Csar Ivan IV, o Terrível; enquanto com a prisão do Arcebispo de Riga, parente do Rei da Polónia, e com o assassinato do embaixador que *Segismundo* enviara para liquidar essa contenda, provocava também a Polónia, já posta em armas para a desafronta. Para firmar a paz com a Polónia, a Livónia contratou com aquela um tratado de íntima e perfeita aliança contra a Moscúvia, o que despertou as iras de Ivan, e a Livónia teve de sofrer a guerra desde 1558 a 1560. Mas como, entretanto, os Cavaleiros da Ordem tinham obtido o auxílio doutros povos, *Segismundo*, ao ser-lhe solicitado o cumprimento do pacto de aliança de 1558, objectou que se obrigara a defender a Livónia dos Moscovitas—e não de outros povos, que ela chamasse em seu socorro e, sob esse pretexto a dizimavam. Como condição punha que a Livónia ficasse incorporada na Lituânia, como a Prússia Oriental o ficara à Polónia, o que foi levado a cabo pelo tratado de Vilna—28 de Novembro de 1561—, pelo qual o Gran-Mestre da Ordem da Livónia abdicava de todos os seus direitos nas mãos do Rei da Polónia, recebendo em troca, como vassallo feudal, o Ducado da Curlândia. Depois de se haver armado, Ivan rompeu de novo as hostilidades; em 1562, com numerosas forças, cercou Polocz, que, depois de dois meses de apertado cerco, lhe abriu as portas. Mas o Palatino de Vilna, sentindo as suas fronteiras ameaçadas, dirigiu-se contra os Moscovitas, e derrotou-os. Outro exército moscovita era vencido pelo Palatino de Witepsk. E a guerra demorou até 1565. Estabeleceu-se, então, um armistício. Em 1569 realizava-se uma importante dieta em Lublin, que vinha resolver as mais graves dificuldades: a mais estreita união da Polónia e da Lituânia. Decidiu-se que a Polónia e a Lituânia seriam governadas pelo mesmo soberano e ficariam sendo consideradas como um só estado; que a cidade de Varsóvia seria a sede das dietas nacionais, compostas de representantes de uma e outra das duas províncias; que os dois países teriam a mesma moeda, a mesma administração e a mesma legislação, mas seriam respeitados os costumes locais. A dieta de Lublin, em que tôdas estas questões foram convenientemente regulamentadas, durou um ano.

*Segismundo Augusto* morreu, sem filhos legítimos, em 1572.

## Presidente da República

Na segunda-feira, pelas 19 e meia horas, concentraram-se no lugar do Proposto, junto ao edifício da Escola Industrial e Comercial «Francisco de Holanda», os filiações da «Mocidade Portuguesa», o Batalhão 13.º da «Legião Portuguesa», crianças das escolas da cidade, etc., para prestarem homenagem ao Chefe do Estado, associando-se desta forma às manifestações comemorativas do 12.º aniversário da sua investidura na Presidência da República.

Ao acto assistiram também professores do Liceu e da Escola Industrial e Comercial, professorador primário, rev. António Cândido Pires Quesado, capelão da «L. P.», outras entidades e muitos populares.

Foi solenemente hasteada a bandeira nacional, tendo o professor primário, sr. Hugo de Almeida, feito uma alocução alusiva ao acto.

Foram expedidos, por tal motivo, naquela dia, os seguintes telegramas:

«Ex.ºmo Senhor Presidente da República—Lisboa.

Legião Portuguesa Guimarães lou-

# MUTUALISMO

## O 70.º aniversário da Associação de Soc. Mútuos Artística Vimaranesse

Realizaram-se no passado domingo, conforme estava anunciado e com grande brilho, as festas comemorativas do 70.º aniversário da Associação de Socorros Mútuos Artística Vimaranesse, colectividade que se destaca entre as demais desta Cidade e que se encontra, presentemente, em período de grande actividade, graças à boa iniciativa e aos esforços das pessoas que se encontram à frente dos seus destinos.

A comemoração iniciou-se com uma missa que foi celebrada na Igreja de N. S. da Oliveira, por alma dos sócios falecidos, finda a qual se procedeu à bênção do novo estandarte, que era conduzido pelo membro da direcção sr. Francisco Marinho.

Seguidamente organizou-se um cortejo que abria com a Banda dos B. V.

desta palestra, feita mais para recordar do que para difusão de um novo tema.

Permitam-me, porém, e seguindo as normas de boa gratidão, que destaque o meu reconhecimento pelas palavras que me foram dirigidas pelo Ex.º Sr. Secretário da Direcção — palavras que calaram fundo na minha alma e que de-veras me desvaneceram —, e que, por um sentido de íntimo desejo, as transforme em exaltação relevada da actividade de toda a Direcção actual, encarecendo não só os altos serviços que vem prestando à colectividade, mas, outro-sim, salientando o escriptulo pósto no desempenho da sua missão, como cabeça orientadora.

Torna-se incontestável o carinho com que tem sabido defender os interesses



Edifício social

de Guimarães e em que se incorporaram muitos sócios e que se dirigiu à sede Associativa, à Rua de Gil Vicente, onde pouco depois das 11,30 horas se deu início à sessão solene comemorativa, a que presidiu o ilustre Delegado do Instituto Nacional de Trabalho e Previdência Social no Distrito, sr. Dr. Henrique Cabral. Na mesa de honra tomaram ainda lugar os srs. Manuel Magalhães, Presidente do Sindicato Nacional da Indústria Têxtil, e os srs. José da Costa Pacheco, José Alves Machado e José Francisco Carneiro, membros da direcção da Associação em festa.

associativos, a sua probidade administrativa e o seu veemente desejo de engrandecer a Associação a que preside.

Sem desprimor para os antecessores ou para os seus restantes colegas, a quem pessoalmente me ligam laços de cordial simpatia, eu desejo prestar especial homenagem ao digníssimo Tesoureiro, sr. José Francisco Carneiro, que, de há 3 anos a esta parte, tem demonstrado usar de muito zelo no cargo que ocupa, e ao sr. José da Costa Pacheco que, como Secretário, tem dado exuberantes provas da sua inteligência e dedicação.

Em nome da direcção usou da palavra o sr. José da Costa Pacheco, que se referiu ao significado da festa e apresentou cumprimentos e agradecimentos ao sr. Dr. Henrique Cabral, à imprensa e a todos quantos contribuíram para o brilhantismo daquela festa, fazendo em seguida a apresentação do sr. Luís Filipe Coelho, sócio daquela casa, da qual tem sido um grande amigo e que aceitou o convite de naquela sessão pronunciar algumas palavras acerca do Cooperativismo.

Recebido com uma demorada e estrondosa salva de palmas, o nosso prezado amigo sr. Luís Filipe Coelho, distinto professor do Ensino Secundário e Director dos Salões de Estudo Gil Vicente, desta cidade, deu início ao seu brilhante trabalho, revelador dos seus conhecimentos e dotes de inteligência.

Considero-os como dois valores reais, valores positivos, em quem francamente se pode acreditar e confiar, pelo muito que têm contribuído para o desenvolvimento e progressividade associativos, graças à largueza de vistas com têm sabido conciliar as acções à vida interna desta nossa Casa.

Formulo votos pela sua permanência em futuras direcções, sempre que lhes seja permitido, augurando dos seus serviços as maiores venturas para a Colectividade.

E para que tudo se conjugue em cortezia, dirijo a V. Ex.ª, senhor Delegado do Instituto Nacional de Trabalho e Previdência, as minhas mais efusivas saudações e cumprimentos de respeito, por tudo honorado com a vossa presença, como similantemente exprimo à Ex.ª Imprensa, e a todos os consócios, os votos sinceros pelas suas prosperidades pessoais, como se para mim fôsseis, desde já agradecendo o resqúicio de paciência que possam dispensar-me.

Não nos permite a falta de espaço com que lutamos fazer uma desenvolvida referência à conferência que ali proferiu, e que a assistência, numerosa e selecta, premiou, no final, com novos e demorados aplausos. Por isso mesmo transcrevemos apenas algumas passagens daquele discurso.

A data que hoje se comemora, a do aniversário da fundação desta Colectividade, é de um elevado significado para todos nós: — *marca mais um ano de existência de uma sociedade que visa a fins beneficentes.*

Apraz-nos salientar, por isso, o esforço dos fundadores, a sua magnanimidade de coração e rasgada concepção sobre o futuro.

Deve-se-lhes esta grandiosa obra de que todos nos orgulhamos, o bem estar que fruimos e a sublimidade de doutrina que ora nos refina.

Para êles, o preito da minha mais sentida homenagem e o perfume sempre latente das pétalas arrancadas à flor da minha Saúde.

El-las:

«Não foi sem uma certa emoção que acedi ao convite feito para usar da palavra nesta sessão festiva e saudável, em que se comemora mais um aniversário da fundação da colectividade.

Primeiro, pela gentileza com que a ex.ª Direcção o fez, a que não podia, de modo algum, deixar de corresponder; segundo, pelo ensejo que me era oferecido de dirigir alguns pensamentos aos áqueles que mais amo no sentir: — os trabalhadores de mãos calejadas e honradas.

Para êles, o preito da minha mais sentida homenagem e o perfume sempre latente das pétalas arrancadas à flor da minha Saúde.

Aos apagados e humildes, que depois dêes vieram como prosélitos da sua doutrina de eleição e que a morte roubou ao nosso convívio, a recordação perene da nossa Tristeza, como culto pela Fé, simbolizadora de indomável energia, da Esperança a alar-se em sonho, e do Altruismo que se derramou em generosidade de Amor.

«Quantos são hoje! Horror! A lembrança das datas...»

Aplicar-se-lhes-á com justiça o delicado pensamento que só o espirito subtil de um Nietzsche seria capaz de silogizar: «não é a força dos grandes sentimentos o que faz os homens superiores, mas a duração dos seus sentimentos».

«Não foi sem uma certa emoção que acedi ao convite feito para usar da palavra nesta sessão festiva e saudável, em que se comemora mais um aniversário da fundação da colectividade.

Primeiro, pela gentileza com que a ex.ª Direcção o fez, a que não podia, de modo algum, deixar de corresponder; segundo, pelo ensejo que me era oferecido de dirigir alguns pensamentos aos áqueles que mais amo no sentir: — os trabalhadores de mãos calejadas e honradas.

Pena foi que a escolha tivesse recaído sobre a minha apagada pessoa — pouco habituada a exteriorizações — e não se procurasse buscar nome capaz de vos deliciar com frases recordadas a primor, manadas de sua veia fluente, só por si transmissoras da beleza do idioma em todo o género de composição, e vestidas daquele sem-número de elegâncias com que a eloquência costuma engrinalçar-se.

Mas, uma vez que não declinei o convite e me deixei arrastar por êsse forte imperativo que se traduz no Amor pelo colectivismo, perdoe-me, Ex.ª, senhor Presidente, e também todos os que me escutam, o aligeirado tom que imprimirei ao seguinte

«Não foi sem uma certa emoção que acedi ao convite feito para usar da palavra nesta sessão festiva e saudável, em que se comemora mais um aniversário da fundação da colectividade.

Primeiro, pela gentileza com que a ex.ª Direcção o fez, a que não podia, de modo algum, deixar de corresponder; segundo, pelo ensejo que me era oferecido de dirigir alguns pensamentos aos áqueles que mais amo no sentir: — os trabalhadores de mãos calejadas e honradas.

Pena foi que a escolha tivesse recaído sobre a minha apagada pessoa — pouco habituada a exteriorizações — e não se procurasse buscar nome capaz de vos deliciar com frases recordadas a primor, manadas de sua veia fluente, só por si transmissoras da beleza do idioma em todo o género de composição, e vestidas daquele sem-número de elegâncias com que a eloquência costuma engrinalçar-se.

Mas, uma vez que não declinei o convite e me deixei arrastar por êsse forte imperativo que se traduz no Amor pelo colectivismo, perdoe-me, Ex.ª, senhor Presidente, e também todos os que me escutam, o aligeirado tom que imprimirei ao seguinte

periores, mas a duração dos seus sentimentos».

Porém, o que num momento nos proporciona uma dor, determinada pela essência de factos que não ignoramos, logo nos causa alegria: — Alegria nimbada de prudência e elegância moral; Alegria temperada pela gratidão e pela submissão voluntária ao Bem!

Festeja-se mais um aniversário da vida associativa, e isso basta para decifrar a mágoa que, por instantes, nos pungiu e fazer irradiar em nossos lábios o sorriso contente da nossa franca satisfação.

E a solidariedade a patentear-se como indestrutível; o desprendimento que é a resignação; a sensatez impulsionada pelo discernimento; a sinceridade que torna o homem mais irmão do homem; a temperança que se liba às alturas da espiritualidade; a justiça — ritmo da prudência; e piedade — impulso natural; e, sobretudo, é a mística mutualista a acalentar de sol a Humanidade inteira.

Nada mais profundo de ideologia que o significado pósto em síntese por estas oito palavras!

Nelas se resumem os magnos problemas que preocupam a sociedade actual!

Nelas assenta a mais sã moral que ao Homem pode dar a plenitude da sua consciência, sem precisar da intervenção dos chamados arúspices doutos!

Todo um programa de «um querer racional»! Todo um mundo de promessas realizáveis!

O orador prossegue depois o seu interessante trabalho bordando curiosas considerações e aponta, rapidamente, os meios de cooperação que se encontram na história económica de todas as nações, tirando daí a conclusão de que a forma cooperativa é, sem dúvida, a mais maleável de todas e se amolda a toda a escola de necessidades de ordem material, intelectual e moral, afirmando que foi devido a essa maleabilidade que se tornou possível a derivante de actividade cooperatista, denominado *Mutualismo*.

Para tal — e no desejo de pôr termo a estas já desenvolvidas considerações —, pretende-se o combate à inacção e ao comodismo individual, alargando e tornando extensivo a todos os concelhos os âmbitos associativos, de cooperação sem mais delongas ou demoras.

Adicionar um sócio novo por cada sócio, e, votada plena confiança à inteireza administrativa dos dirigentes, sejam A ou B, será um mundo novo de promessas, será o arranjo de um Paraíso-terreno.

Como sócio e cooperativista, por mim falo: — Sinto-me disposto a auxiliar as direcções em tudo o que elas solicitem ou ordenem. Que os homens de boa-vontade e de rara previdência, assim façam também!

Rasgar-se-á, pela ajuda de todos, o adensado véu que ensonbra a progressividade colectiva, usando em mesma doutrina a que celebrou o sereno e perfeito espirito de sociologista, Bok:

«Crêde que são as obras e não as palavras que importam».

Sob o signo desta divisa, apraz-me apresentar à apreciação do vosso esclarecido espirito, um plano de administração que, quanto ao meu modo de ver, trará para esta colectividade vantajosos resultados, não só pelo que representará de eficiente trabalho mas também pelos benefícios que a todos proporcionará, num futuro próximo.

E porque aqui se aludiu às comemorações das *Bodas de Diamante* a levar a efeito em 1945, muito interessante seria que a minha sugestão fôsse aproveitada por quem de direito, como complemento dessas manifestações, quer para orguho de todos nós, sócios da Artística, quer para maior honra e glória da nossa muito amada Guimarães.

A consecução desse plano, que afinal não passaria de um plano quinquelletivo, daria ensejo a ver-se feita qualquer coisa nos anos que vão decorrer, sem registar-se o marasmo que parece ter andado a envolver a actividade direccional.

Eis em síntese, o que me forneçaram alguns momentos de reflexão:

- 1.º — *Orgânica associativa:*
  - a) — Remodelação e actualização dos Estatutos;
  - b) — Elaboração de Regulamentos internos;
  - c) — Criação de delegações nos centros populacionais do concelho.
- 2.º — *Obras:*
  - a) — Arranjo da entrada principal e melhor adaptação da escadaria de acesso ao Salão Nobre;
  - b) — Adaptação do Salão-Teatro a qualquer fim rendoso, capaz de exceder os juros do capital gasto com o dispêndio de qualquer obra a fazer.
- 3.º — *Cultura:*
  - a) — Conferências para difusão da doutrina mutualista e sobre Profilaxia Social;
  - b) — Instituição de prémios aos filhos de sócios que demonstrem aproveitamento nos estudos, quer pela obtenção do diploma do 2.º grau, quer pela conclusão do curso da Escola Industrial e Comercial (3.º ano do curso comercial ou industrial).
- 4.º — *Cooperativismo:*
  - a) — Farmácia, privativa ou contratada;
  - b) — Criação da «Cama-Associação Artística» em qualquer dos hospitais citadinos;
  - c) — Puericultura aplicada aos filhos de sócios, até aos dois anos de idade;

**JOSÉ DE MELLO & CIA**

**DESPACHOS DE EXPORTAÇÃO,**  
**IMPORTAÇÃO E CABOTAGEM**

**RUA NOVA DA ALFANDEGA, 67**  
**PORTO**

**CASA FUNDADA EM 1828**

**TELEFONES { Escritório, 73**  
**{ e Estado, 57**

**Agentes de Navegação, de Trânsito, de Fabricantes**  
**e Negociantes estrangeiros e nacionais**

d) — Criação de secção funerária, privativa ou contratada.

Dada inteira realização ao plano apresentado, teremos conseguido um passo para «a alegria de viver» dos nossos vindouros.

Seguidamente o Sr. Dr. Henrique Cabral procedeu à distribuição dos prémios, em dinheiro e em géneros, às viúvas dos sócios e a alguns sócios mais necessitados, cerimónia que completou bem aquela comemoração.

No final foi servido ao sr. Dr. Henrique Cabral e aos representantes da Imprensa um *Porto d'Honra*, brindando o ilustre Delegado do I. N. de Trabalho e Previdência pelas prosperidades daquela Casa.

Durante o dia a fachada da sede da Associação esteve embandeirada.

O Salão Nobre, que passou por uma completa remodelação, está assegurado, sendo por isso merecedores dos nossos parabéns os componentes da direcção daquela Casa, a quem agradecemos as atenções que nos dispensaram.

## DO CONCELHO

Vizela, 16.

Penhorado agradeço ao «Notícias de Guimarães», as palavras amigas com que — num gesto de espontânea solidariedade que me sensibilizou — fez o favor de proceder a publicação da minha última correspondência. De facto, se a minha ordem de suspensão tivesse chegado a tempo, ela não seria publicada como eu desejava; mas no entanto julgo não ter havido com isso o mais pequeno inconveniente, pois que — perdido, embora, todo e qual quer valor que ela pudesse ter, — ficará, ao menos, como sempre, a prevalecer (quanto a mim) a boa intenção e a boa fé com que foi escrita.

E nada mais.

Com 70 anos de idade e confortado com todos os Sacramentos, faleceu, no pretérito dia 13 do corrente, a sr.ª D. Margarida de Freitas Bravo, viúva do saudoso sr. Alfredo da Silva Bravo — Vizelense querido, cuja memória ainda hoje, passados 13 anos sobre a sua morte, é lembrada, com veneração, carinho e saúdade!

A saudosa extinta, que toda a sua vida passou a praticar o bem, era uma virtuosa senhora, muito ilustrada e culta, e, a mãos largas exercia, com absoluto desprendimento de vaidades e ostentações, essa sublime missão que se chama — Caridade! Por isso, e por tudo, a extinta era aqui muito estimada e querida, sendo a sua morte muito sentida e chorada!

A toda a ilustre Família Bravo Faria, a expressão respeitosa do nosso grande pesar.

O funeral foi muito concorrido por pessoas de todas as categorias sociais, avultando, no entanto, pessoas de destaque, tanto desta vila como de Guimarães e de outras partes, e nele se incorporaram muitas Irmadadas desta vila e de fora.

A falecida era mãe carinhosa das sr.ªs D. Maria Leopoldina, D. Maria Helena e D. Maria Margarida de Freitas Bravo; e dos srs. Ernesto de Freitas Bravo (já falecido); Carlos de Freitas Bravo, Engenheiro Joaquim de Freitas Bravo, José de Freitas Bravo, Dr. Alfredo Maurício de Freitas Bravo e Manuel Fernando de Freitas Bravo; e irmã das sr.ªs D. Maria e D. Emilia Gonçalves de Freitas; D. Avelina de Freitas Spratley Pinto da Silva; e dos srs. José e Dr. Bento de Freitas Ribeiro de Faria.

Era sogra das sr.ªs D. Hermínia Machado Guimarães de Freitas Bravo, D. Maria da Conceição de Faria Bravo, D. Maria Tomázia Pinto da Silva Bravo e D. Fernanda de Freitas Bravo; e dos srs. Dr. Manuel António Bravo de Faria e Manuel Alves Machado da Fonseca e Castro.

Da enorme quantidade de cordões e bonquets conduzidos, podemos tomar nota das seguintes dedicatórias:

«Últimos beijos de seus irmãos Bento e Mina»; «A nossa querida irmã, últimos beijos de Maria e Emilia»;

«Saúde da família Anibal Silva»; «Últimos beijos de sua filha Hermínia e netos»; «Último beijo dos seus filhos muito queridos Fernando e Alfredo»; «Último adens de Teresza e Fernando»; «Último adens da afilhada Margarida Ferreira»; «Última saúdade de Felizarda de Carvalho»; «Último adens de seu irmão e filha Zeca e Carmen»; «Muitos beijinhos dos netos Maria Manuel, Maria Leonor, José Manuel e António Fernando»; «Adens da família Adriano de Faria, do Porto»; «A minha querida mãisinha último beijo do Manuel Fernando»; «Saúdores beijos do seu filho Joaquim»; «Última homenagem dos seus criados Madalena e José»; «Muitos beijos dos seus filhos Zeca e Mimi»; «Última homenagem de Rafael Pereira Lopes»; «Últimos beijos dos filhos Maria Margarida e Manuel António»; «Último adens de Ana Ferreira»; «Última saúdade da sua costureira Rosa»; «Saúdores recordação de Justina Monteiro e filho»; «Últimos beijinhos dos seus netinhos Manuel Rui, Maria de Lourdes, Maria Raquel e Maria Regina»; «Últimos beijos de seus filhos Maria Helena e Manuel»; «Beijinhos dos seus queridos netinhos Rui e Mário»; «Últimos beijinhos dos seus queridos netinhos Maria Tereza, Carlos, Ofelina e Mário»; «A minha santa mãisinha últimos beijos da Maria Leopoldina»; «A nossa querida mãisinha últimos beijos do Carlos e Maria»; «Último e saúdores adens de sua prima Senhorinha Cândida de Azevedo Guimarães».

A chave do caixão foi entregue ao sr. Augusto Spratley Pinto da Silva.

O funeral, que foi dirigido pelos srs. José R. Moreira de Sá e Melo e Francisco Alves, esteve a cargo do armador José Monteiro.

Também faleceu na Praça da República, tendo-se hoje sepultado, o sr. Manuel da Costa Machado, de 80 anos.

O falecido era pai das sr.ªs Angelina, Belardina, Adelina e Eva Correia Machado, e dos srs. Silvino, Adriano e Francisco Machado.

A toda a família renovamos os nossos sentimentos.

O funeral foi muito concorrido.

Von para o Céu a alma do inocentinho Emanuel, filho querido do nosso amigo sr. Joaquim Fernandes.

No domingo passado o «Futebol Club de Vizela», ganhou ao «Sport Progresso do Porto», por 2-1, resultado muito honroso, atenta a categoria do grupo visitante.

Em Moreira de Cónegos o «Moreirense» ganhou ao «Futebol Club de Fafe», por 3-2.

No próximo domingo exhibe-se no Cine-Parque o importante filme «A Vida de Santa Teresinha», e, ainda outro: «O Rancho Dinamitado», filmes que devem ser muito e muito apreciados pela fama de que gozam.

Moreira de Cónegos, 20.

Amanhã, domingo, desloca-se a Braga, ao Campo da Ponte, o «Moreirense Futebol Club», afim de num encontro com o «Sport Club do Ave» (Velás) disputar a final do campeonato promocionário do Distrito de Braga.

Moreirense! Não falteis a tão importante encontro, animando o nosso favorito, a ver se os nossos bravos jogadores conseguem mais uma vitória.

No dia 6 deste mês, realizou-se o casamento do sr. Armando Diniz Dias Corais, com a sr.ª D. Irene Fonseca da Vitória, prendada filha do sr. Eduardo Fonseca da Vitória, digno empregado da farmácia Vitália da cidade do Porto.

Também no dia 7 deste mesmo mês se realizou o casamento do sr. Mário Joaquim Soares da Silva Dias, com a sr.ª D. Carolina da Glória Dias Corais.

Este casamento realizou-se na capela de Nossa Senhora da Ajuda, tendo sido padrinhos por parte do noivo o sr. Dr. Manuel José Coelho e sua esposa, e por parte da noiva o sr. Dr. Alberto Roque de Figueiredo e sua esposa.

Aos noivos desejamos muitas felicidades. — C.

Perdeu-se uma caneta, Osmia-Progresso. Gratifica-se a quem a entregar nesta Redacção. 103

## Dr. João Simões V. de Almeida

O dr. João Simões Veloso de Almeida, que a terrível tirania da morte roubou ao convívio dos seus muitíssimos amigos, foi um homem que sempre se soube impor pelas suas invulgares qualidades, quer como simples cidadão, quer como advogado e notário sabedor e honesto, quer, ainda, como exemplar chefe de família — Pai e esposo amantíssimo.

A sua vida não foi mais do que uma lição de continuados e óptimos exemplos dignos do melhor acolhimento por parte de todas as pessoas que conhecia a pureza das suas intenções, a integridade do seu carácter, a bondade do seu coração e, enfim, a grandeza da sua Alma!

Desprendido de qualquer sombra de vaidade, a sua modestia era a sua companheira habitual e com ela conseguiu sempre fazer brilhar o seu raro talento na delicada profissão de notário e na de advogado, mas dos mais distintos que têm passado pelos Tribunais, como ainda há dias o afirmou no Tribunal de Braga, terra onde residia, o seu ilustre colega sr. Dr. Eduardo Moura, quando se referiu, em palavras de repassada saúdade, às qualidades do saudoso Morto, a fim de lhe prestar uma homenagem sincera e sentida e à qual os meretíssimos juizes, advogados e outros funcionários de Justiça se associaram com profunda emoção.

Mas, a pesar de todas as suas virtudes e da geral simpatia de que gozava entre todos os seus numerosos amigos, o dr. João Simões vive hoje na eternidade, o que não quer dizer que o seu nome deixe de existir no coração de quem em vida lhe consagrou a maior veneração. É um homem que devemos recordar a nossos filhos.

Um Amigo.

## COMARCA DE GUIMARÃIS

### Secretaria Judicial

# ANÚNCIO

(1.ª Publicação)

No Juízo de Direito da comarca de Guimarães e pela terceira secção da Secretaria Judicial da mesma comarca, correm éditos de 20 dias, citando os credores desconhecidos dos executados, *Porfírio da Silva Matias*, casado, moleiro, e sua mãe, *Joaquina Rosa da Paz*, viúva, doméstica, moradores no lugar no Arquinbo, da freguesia de Sam Clemente de Sande, desta comarca, para no prazo de 10 dias, que se contam findos que sejam os dos éditos virem à execução sumária que áqueles executados move *José Marques Dias da Silva*, solteiro, proprietário, do lugar das Pedras de Cima, da freguesia de Santa Cristina de Longos, desta comarca, deduzir os seus direitos, nos termos do artigo 864 e seguintes do Código do Processo Civil.

Guimarães, 12 de Abril de 1940.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito,  
*Rodolpho Arthur d'Abreu.*

O Chefe da 3.ª Secção,  
*Luís Cândido Lopes.* 102

## GARRAFAS

multas Garrafas com rôlha de parafuso e a preços verdadeiramente de combate

só na 59  
CASA DO FERRO

Rua da República — Guimarães

## MACHINETAS

Machinetas de 16 e 20 navilhas para teares mecânicos. Vendem-se. Informa-se na Redacção deste jornal. 104